

capacidade de dar-lhes vida, alternando-as com momentos interpretativos discutíveis, mas nem por isso menos interessantes. Merece ser lida, como obra histórica e literária, ao mesmo tempo.

AURORA FORNONI BERNADINI

* *

*

HADDAD, JAMIL ALMANSUR — *Contos Árabes*, (Introdução, Seleção e Notas), Tradução de Jamil Almansur Haddad e José Paulo Paes, Editora Tecnoprint S.A., s.d., Edições de Ouro.

Esta pequena coletânea, ora reeditada, (1) reúne matérias de grande valor no que diz respeito a tão antiga forma literária que é o conto, apresentando um apanhado geral da evolução deste, na História da Literatura Árabe.

Com muita frequência, estudiosos da cultura árabe e em especial da Língua e Literatura, radicados no Brasil, sentem grande falta de bibliografia em Língua Portuguesa, aqui editada. Para um conhecimento desta, faz-se necessário obtê-la em língua estrangeira, principalmente em Árabe, dificultando assim o acesso à mesma.

É sabido que o conto tem suas raízes (do Oriente, Pérsia e Arábia) caracterizadas pela marca do tempo e da história, desde os antigos locais de origem, concorrendo com a compreensão da cultura de um povo; e também o precursor da novela e do romance, contribuindo para o conhecimento da Literatura no tocante ao gênero prosa.

A Literatura Árabe, caracterizada pelas diferenças em relação às Literaturas Clássicas e Ocidentais, pode ser enquadrada dentro de quatro pontos que marcam os aspectos distintos quanto às demais. É, pois, analisada e encarada como a Literatura da Sabedoria, da Imaginação, da Espiritualidade e principalmente do Amor, que é o tema fundamental.

Assim sendo, o conto tem sua origem na época Pré-Islâmica; inicialmente como uma forma de conversação, cantando o passado e valorizando as boas ações, sempre tendo a seu serviço a imaginação fértil, que tangia às vezes o inverossímil. E, através dos séculos sofre alterações, como as outras formas literárias.

O autor desta obra, poeta e ensaísta, portador de um grande cabedal de conhecimento da Língua e Literatura Árabe, atingiu papel de destaque dentro da nossa Literatura, com um número representativo de publicações, refletindo vivência e percepção no conhecimento literário. Dotado de senso crítico e po-

(1) — Haddad, Jamil Almansur-*Maravilhas do Conto Árabe*, (Introdução, Seleção e Notas), tradução de J. A. Haddad e José Paulo Paes, São Paulo, Ed. Cultrix, 1962.

tencial criativo, pôde com este compêndio reunir objetivamente o que há de mais expressivo na Literatura Árabe, a fim de trazer ao conhecimento do público aquilo que caracteriza um povo em sua história milenar.

Além deste valor que fundamenta a obra em si, J. A. Haddad introduz este livro com um brilhante apanhado sobre a posição da Literatura Árabe em relação ao Oriente e Ocidente; e, de uma forma adequada, caracteriza o conto nesta Literatura. Desta feita, o leitor poderá ter uma noção da forma literária tão popularmente aceita, e que tem a sua origem em tempos remotos.

Não resta dúvida que esta breve introdução sobre o Conto Árabe, é que passa a ser a razão de todos os louvores que se devem atribuir ao escritor em pauta, uma vez que apresentou notas sobre a Literatura Árabe com uma base bibliográfica bastante idônea, que tão bem o caracteriza, revelando conhecimento de Teoria da Literatura.

Começando pelos Contistas Contemporâneos, e chegando até os contos de “As Mil e Uma Noites” o autor oferece um panorama geral de toda a evolução, usando um critério cronológico inverso ao habitual, como ele próprio diz: “E esta cronologia não foi rígida, ou digamos linear. Preferiu-se antes um esquema pontilhista, pretendendo-se dar o verdadeiro rosto da alma Árabe como se revela através de sua arte e ficção” (*in* Notas Introdutórias). E, na escolha dos textos apresentados, demonstrou o que há de mais valioso na Literatura Árabe.

Nos *Contistas Contemporâneos*, o primeiro grupo de textos, apresenta o Líbano e o Egito. Inicia-o com dois contos do poeta Gibran (sírio-libanês) que tão bem representa a Literatura Árabe, renovando-a, dando-lhe toda a vibração e pujança das literaturas modernas. Escrevendo em Nova York, chefiou a escola que tanto contribuiu para esta Literatura, tendo sua eclosão, apogeu e desaparecimento no primeiro terço deste século. É, pois, o escritor contemporâneo que através de suas parábolas e preleções de insuperável inspiração e beleza, consegue expressar a essência da sabedoria do Oriente, pregando uma transformação social e literária nos anos de sua maturidade.

Representando o Egito: Mouwailihi (1858--1930) viveu desde o século passado até o nosso, adquirindo conhecimentos de culturas de épocas distintas, e se destacou entre os contistas contemporâneos, trazendo consigo resquícios de uma literatura ainda enraizada em tempos antigos, mas contribuindo grandemente para a literatura atual; os dois irmãos Mohamed e Mahmud Taimur, este levando à perfeição a novela egípcia que foi criada por seu irmão Mohamed, ocupam lugar de destaque entre os novelistas árabes contemporâneos, atuando de uma forma bastante aguçada quanto ao espírito de observação realista e fantasista no tocante à perfeição do conto moderno no Egito; e, finalmente, Bishr Fares, que tão bem se embrenhou no Oriente e Ocidente, assimilando as duas culturas, retrata com os escritores anteriormente apresentados, o Renascimento das Letras Árabes, que teve seu berço no Líbano e no Egito.

Em *Contos do Magreb* (Marrocos, Argélia, Tunísia): aparecem onze contos, sendo que o primeiro é de autor marroquino contemporâneo-Ahmed Sefrioui-

e os demais são populares. *Lendas Religiosas* enfocando a religião Islâmica como um elo entre a realidade terrestre e as alturas inatingíveis do misticismo. Encontra-se também o *Magamat* de autoria de Hariri, que é a forma literária da Idade Média, significando “secções”, escrita em prosa rimada, semeada de versos, procurando o ornamento e as repetições rítmicas, considerada por alguns um malabarismo estilístico.

Como não poderia deixar de ser apresentado, aparece um tipo de amor próximo do platônico, mas que não é um amor etéreo; vaporoso; pois, na Literatura Árabe, este se apresenta com o mesmo clima ardente, mesmo sangue impetuoso, tão apaixonado, tão voluptuoso, tão exigente quanto os outros tipos de amor, com um traço distintivo — o apaixonado ama a uma só mulher e permanece-lhe fiel a vida inteira, privado de sua amada o poeta prefere a solidão ou a morte. Com o conto “Mártires do Amor” de Maçudi, pode-se perceber na dedicação do poeta à amada, uma verdadeira cantiga em que o amor é sentido ardentemente como uma paixão profunda e duradoura; próprio de um poema de amor.

As Fábulas procurando transmitir algum fundo moral são apresentadas inicialmente por Ibn-Muqaffa a quem se deve a obra-prima da prosa árabe que é o livro *Calila e Dimna*, fábulas adaptadas à índole árabe. Em seguida, algumas fábulas de Loqman (fabulista de vida ignorada).

O *Romanceiro Mourisco*: Alexandre Arnoux, no prefácio à sua tradução afirma que “... (os poetas do Romanceiro Mourisco) oferecem uma mistura singularmente saborosa da poesia castelhana, violenta e cavalheiresca, e da poesia muçulmana alambicada, cruel e decorativa. De um caráter único na literatura européia, este lirismo marca um ponto de contacto que é a fronteira entre o Oriente e Ocidente...” (*Apud op. cit.*, p. 178).

Do *Livro das Canções*, escolheu-se uma das cem árias que formam a obra-prima *Al-Aghani*, de Abu Al-Faraj (897-967), considerado um dos mais fascinantes prosadores da Literatura Árabe (apesar de ter nascido na Pérsia), da era Pré-Islâmica e Islâmica, apresentando com sua obra uma crônica da época, abrangendo curiosidades, acontecimentos salientes e biografias de poetas, cantores, políticos, mulheres célebres; de inegável valor histórico e literário, principalmente estilístico: seu estilo conciso, nervoso espirituoso e colorido é um dos mais saborosos da Literatura Árabe.

As Cento e Uma Noite, série de contos com o mesmo caráter das *Mil e Uma Noites*, pertencendo provavelmente ao século VIII, foram também incluídas pelo autor, nesta coletânea.

Finalmente, como não poderia ser dispensado, os contos de *As Mil e Uma Noites*, destacando-se como símbolo das riquezas de imaginação da Literatura Árabe, popularmente considerado como o mais oriental de todos os Livros. Os dois contos apresentados — “Ali Babá e os Quarenta Ladrões” e a “História de Ganem, O Escravo do Amor”, foram traduzidos por José Paulo Paes.

Desta feita, o leitor brasileiro tem uma visão panorâmica de destacados contistas, podendo apreciar toda a evolução ideológica do homem na Literatura Árabe, através do gênero conto.

NEUZA NEIF NABHAN

* *

*

Dan Joseph, *Hassipur Haivri Bimei-Habeinaym* (O conto hebraico na Idade Média), Biblioteca Keter, Série 5: Literatura, orientada pelo Prof. Shimon Halkin, Coleção "Am Israel Vetarbuto" Keter Publishing House Jerusalem Ltd., Jerusalém, 1974, 291 p.p.

Não há geração na História Judaica que não tenha legado algo de sua criação literária. Neste legado cultural ocupa um lugar importante o conto hebraico. Desde os tempos bíblicos, passando pela literatura do Talmud e do Midrash, a literatura dos Hassidim, da Cabalá, a literatura Hassídica da Galícia e Polônia e a literatura moderna — é o conto uma das formas de expressão mais importantes do espírito da nação.

O conto hebraico da Idade Média, que se estende por um longo período, de aproximadamente mil anos, com início na Conquista Muçulmana e até o século XVI, o chamado período de Safed, é variado na sua estrutura e rico na sua temática.

Não há, neste período, o conto popular no sentido clássico, isto é, relatos orais que após gerações são transcritos. Mesmo que este gênero tenha sido relatado, quando de sua transcrição as mudanças foram tais que nós os recebemos como contos literários. Os que os elaboraram por escrito os estilizaram segundo sua cultura, suas possibilidades lingüísticas e suas tendências estéticas.

Muitas vezes eram introduzidas alterações no próprio enredo ou lhes eram acrescidas tendências que não condiziam com o objetivo original.

Estas mudanças se originaram devido a novas concepções dos contistas que reescreviam e que, devido às suas concepções teológicas, geralmente anulavam o valor do conto como conto.

A contos ingênuos foram acrescidos conteúdos ideológicos, segundo o espírito da escola teológica à qual pertencia o novo narrador.

O conto hebraico medieval não teve o mesmo destino que a poesia hebraica da mesma época. Enquanto esta conseguiu adeptos que a difundiram e pesquisaram, a criação em prosa da Idade Média ficou num desconhecimento total.

A grande dispersão do conto medieval, tanto do ponto de vista geográfico como histórico e a localização de grande parte deles entre composições teológicas e casuísticas motivou seu estado de universo desconhecido.